

# MARÍLIA DE DIRCEU

## AMARYLLIDOS DIRCAEI

JOÃO BORTOLANZA

Centro Universitário de Corumbá – UFMGS

### RESUMO

*Amaryllidos Dircaeii aliquot selecta Lyrica*, subtítulo de *Musa Latina* (1868, 1887) de Antônio de Castro Lopes, traz, *ad usum scholarum Brasiliensium*, 25 Liras de *Marília de Dirceu* em hexâmetros (21) e dísticos elegíacos (4) latinos de boa qualidade. Pretende-se, aqui, estabelecer um paralelo entre as versões de Gonzaga e Castro Lopes: estilo mais classicizante deste, a suprimir perífrases e *epitheta ornantia*, tão de gosto neoclássico; gosto de ambos pelas *figurae elocutionis*, com destaque para processos anafóricos e hiperbáticos. Atende-se ao objetivo do *Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium* de divulgar a Literatura Brasileira de Expressão Latina.

**Palavras-chave:** Paralelo; *Epitheta ornantia*; Processos anafóricos; Clássico.

*Amaryllidos Dircaeii aliquot selecta Lyrica in Latinum sermonem translata ad usum scholarum Brasiliensium*, como subtítulo de *Musa Latina*, que teve duas edições, em 1868 e em 1887, é obra do exímio latinista carioca Antônio de Castro Lopes (1827-1901). A edição crítica de sua poesia latina encontra-se em minha tese de doutoramento, *Corpus da Poesia Latina de Antônio de Castro Lopes*.

“Ad usum scholarum Brasiliensium”, conforme a intenção do Autor, pretende-se divulgar este paralelo parcial entre o original português e a versão latina, com destaque especial para o caráter mais classicizante da tradução latina: supressão de *epitheta ornantia* e perífrases, tão de gosto neoclássico; maior contenção, evitando a constante invocação à Pastora; caráter mais sintético do texto latino. Por outro lado, o gosto clássico e neoclássico pelas *figurae repetitionis*, seja da *repetitio*, seja da *transgressio*, é patente em ambas as versões. Deixam-se de considerar outros aspectos, não menos relevantes para o objetivo de integração das disciplinas de Língua e Literatura Latinas e Literatura Brasileira, o que faz parte de um trabalho mais amplo.<sup>1</sup>

\* Centro Universitário de Corumbá – UFMGS.

<sup>1</sup> Trabalho de pesquisa que venho desenvolvendo junto ao *Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium* da UNESP/Assis: “*Amaryllidos Dircaeii* de Dirceu – Análise da tradução latina e estudo dos processos anafóricos das versões portuguesa e latina”.

Para isso, valho-me de uma Lira completa e do excerto de outras.

### Lira I da 1ª Parte

#### I

1. Rusticus, o Amaryllis, ego non, sole, geluque
2. Torridus, alterius qui servem armenta, bubulcus:
3. Fert oleum, fructus, fundus mihi, vina, legumen;
4. Lacte ovium vescor, tegit et me lana mearum:
5. Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

#### II

6. Vultum, nec rugis fractum, modo fonte revisi,
7. Atque meum silvis baculum venerantur agrestes.
8. Invidet Alcestes mihi, cum sambuca movetur,
9. Huic socians vocem mea solum carmina ludo.
10. Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

#### III

11. Rem quamvis magnam magni nunc aestimo tantum
12. Has Amaryllis opes, postquam dominumque gubernat.
13. Expedit armentum stabulis numerare refertis;
14. Armento potior regnoque Amaryllidis ardor.
15. Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

#### IV

16. Nequaquam Phoebi lumen tua lumina vincit,
17. Candida mixta rosis simul induit ora papaver;
18. Aurea caesaries tibi, balsama corpus inhalat;
19. Nilque, decus Veneris, pretiosius exstitit unquam.
20. Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

#### I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado,  
De tosco trato, d'expressões grosseiro,  
Dos frios gelos e dos sóis queimado.  
Tenho próprio casal, e nele assisto,  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite  
E mais as finas lãs de que me visto.

Graças, Marília bela!  
Graças à minha Estrela!

#### II

Eu vi o meu semblante numa fonte,  
Dos anos inda não está cortado;  
Os pastores, que habitam este monte,  
Respeitam o poder do meu cajado;  
Com tal destreza toco a sanfoninha,  
Que inveja me tem o próprio Alceste:  
Ao som dela concerto a voz celeste,  
Nem canto letra que não seja minha.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

#### III

Mas tendo tantos dotes da ventura  
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,  
Depois que o teu afeto me segura,  
Que queres do que tenho ser senhora.  
É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho que cubra monte e prado;  
Porém, gentil Pastora, o teu agrado  
Vale mais que um rebanho, e mais que um [trono

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

#### IV

Os teus olhos espalham luz divina,  
A quem a luz do Sol em vão se atreve;  
Papoula, ou rosa delicada e fina,  
Te cobre as faces, que são da cor da neve.  
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;  
Teu lindo corpo bálsamos vapora.  
Ah! não, não fez o Céu, gentil Pastora,  
Para glória de Amor igual tesouro!

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

V

21. Etsi flumen agros segetem mihi tollat inundans,
22. Cunctos absumat contagio saeva iuencos,
23. Haec patiar tamen haud auri caecatus amore:
24. Aspice me, ride; hoc satis est mihi vita beata.
25. Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

VI

26. Incedes et rure, meo suffulta lacerto,
27. Vespere iucundam gremio captabo quietem:
28. Dum iuvenes luctantur agris, cursuque  
laccessunt,
29. Te comam sertis, insculpam et cortice laudes.
30. Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

VII

31. Nos postquam fatum rapiat, quacumque  
moremur,
32. Tunc eadem corpus tellus consumat utrumque,
33. Atque legent tumulo cincto haec insculpta  
cupressis
34. Pastores: "Fauste cupiat si quisquis amari,
35. "Normam sectetur positam, hos imitetur  
amores."
36. Me fortunatum! tribuunt cui talia Divi!

V

Leve-me a sementeira muito embora  
O rio sobre os campos levantado;  
Acabe, acabe a peste matadora,  
Sem deixar uma rês, o nédio gado.  
Já destes bens, Marília, não preciso,  
Nem me cega a paixão que o mundo arrasta;  
Para viver feliz, Marília, basta  
Que os olhos movas e me dês um riso.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

VI

Irás a divertir-te na floresta,  
Sustentada, Marília, no meu braço;  
Ali descansarei a quente sesta,  
Dormindo um leve sono em teu regaço:  
Enquanto a luta jogam os Pastores,  
E emparelhados correm nas campinas,  
Toucarei teus cabelos de boninas,  
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

VII

Depois de nos ferir a mão da Morte,  
Ou seja neste monte, ou noutra serra,  
Nossos corpos terão, terão a sorte  
De consumir os dois a mesma terra.  
Na campa, rodeada de ciprestes,  
Lerão estas palavras os Pastores:  
"Quem quiser ser feliz nos seus amores,  
Siga os exemplos que nos deram estes."

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

*FIGURAE ELOCUTIONIS*

Sem o exagero cultista do Barroco, Gonzaga revela-se um profundo conhecedor e admirador dos *ornatus*, empregando freqüentemente a *repetitio*, desde o estribilho, um perfeito isócolo encetado pela anáfora *Graças/Graças*, com o homeoptoto quiasmático das perífrases e com a assonância da dupla rima toante. Vejam-se, por exemplo, as epizeuxes com ou sem diácope:

É BOM, minha Marília, É BOM ser dono (III)  
Ab! NÃO, NÃO fez o Céu, gentil Pastora (IV)  
ACABE, ACABE a peste matadora (V)  
Nossos corpos TERÃO, TERÃO a mesma sorte (VII).

A valer-se do poliptoto, da diáfora, da figura etimológica, ora em anáfora de colos ou de versos, ora em simples epímones, observem-se as constantes repetições ocorrentes nas estrofes indicadas:

- (I) DE tosco trato, D'Expressões grosseiro,  
DOS frios gelos e DOS sóis queimado (isócolos perfeitos)
- (III) QUE QUERes do QUE tenho ser senhora (belo parequema)
- (IV) TE cobre as faces, que SÃO da cor da neve.  
Os TEUS cabelos SÃO uns fios de ouro  
TEU lindo corpo bálsamos vapora. (Sublinhada a mesodiplose em eco)
- (V) Já destes bens, MARÍLIA, não preciso, Nem me cega a paixão que o mundo arrasta;  
Para viver feliz, MARÍLIA, basta  
Que os olhos movas e me dê um riso.  
Graças, MARÍLIA bela,  
Graças à minha Estrela!
- (VII) OU seja neste monte, OU noutra serra (polissindeto)  
“QUEM quiser ser feliz NOS seus amores,  
Siga os exemplos QUE NOS deram estes”.

Na estrofe III, a mesodiplose é muito expressiva:

Vale MAIS QUE UM rebanho, e MAIS QUE UM trono.

Na penúltima estrofe, *Toucarei/Gravarei* são expressivos homeoptotos em rima interna.

Muito bem empregados, os hipérbatos constituem-se normalmente de simples inversões, próprios da simplicidade popular de seus versos, dentro dos cânones neoclássicos, como se pode aferir destes:

*d'expressões grosseiro, / Dos frios gelos e dos sóis queimado  
Que queres do que tenho ser senhora  
Teu lindo corpo bálsamos vapora  
Nossos corpos terão, terão a sorte / De consumir os dois a mesma terra.*

O texto latino também denota busca de ornatus, ora processos anafóricos, ora hiperbáticos. Para os primeiros, destaque-se, na I estrofe, a seqüência *Mibi/Me/Mearum/Me*, for-

mando mesodiplose, mesoteleuto e anadiplose, associados à figura etimológica e ao poliptoto; outra epímone da primeira pessoa, formando mesodiplose e mesarquia poliptóticas, orna as estrofes II (*Meum, Mibi, Mea, Me*) e V (*Aspice ME, ride; ^hoc satis est MIHI vita beata/ME fortunatum!*), reproduzindo a mesodiplose do texto português, além da bela epanadiplose poliptótica de verso e membro *Haec/hoc*. O poliptoto é reforçado pela forma de epizeuxe em que é colocado nos versos 11 (*Rem quamvis MAGNAM MAGNI nunc aestimo*) e 16 (*Phoebi LUMEN tua LUMINA vincit*). Entre as *figurae repetitionis*, sobrelevam, ainda: a figura etimológica da epífora *amari/amores*; o poliptoto em epífora de colos (epímone) *haec/hos*; a assonância *quacumque/utrumque*; e outra assonância dos homeoptotos *sectetur/imitetur*.

Quanto aos processos hiperbáticos, saliente-se, por exemplo, a distribuição dos adjetivos e substantivos, estabelecendo uma distribuição simétrica (*concinntitas*) no início e no fim de versos ou colos:

*RUSTICUS, o Amaryllis, ego non, sole, geluque*  
*TORRIDUS, alterius qui servem armenta, BUBULCUS* (v. 1 e 2)  
*Armento POTIOR || regnoque Amaryllidis ardor* (v. 14)  
*CUNCTOS absumat contagio saeva JUVENCOS* (v. 22)  
*Vespere JUCUNDAM || gremio captabo QUIETEM* (v. 27).

#### SUPRESSÃO DOS *EPITHETA* E PERÍFRASES E OUTRAS MODIFICAÇÕES DA VERSÃO LATINA

O texto latino, constituído de hexâmetros datílicos, tem um caráter mais clássico, suprimindo a adjetivação interna dos *epitheta* ornantia ou a adjetivação apenas ornamental, tão ao gosto dos neoclássicos: *frios gelos, brancas ovelhinhas, finas lãs, voz celeste, luz divina, rosa delicada e fina, lindo corpo, nédio gado, quente sesta, leve sono* (< *iucundam quietem*). Classicizante também é a supressão ou modificação de algumas perífrases: *dotes da ventura* > *opes*; *paixão que o mundo arrasta* > *amore auri* (*auri sacra fames!*); *mão da Morte* > *fatum*; *da cor da neve* > *candida*. Este caráter classicizante se revela também na supressão de muitas das invocações à Marília, deixando apenas 3 sem adjetivação das 15, sendo 10 adjetivadas, de Gonzaga. A perífrase *gentil Pastora* por duas vezes vem substituída pelo simples nome *Amaryllis / Amaryllidis*, transportando toda a terceira estrofe da primeira para a terceira pessoa, estabelecendo um distanciamento bem mais clássico. Classicizantes também são as alusões mais claras à mitologia. O estribilho é transformado num ritornelo monóstico (*versus intercalaris*), substituindo a dupla invocação à Marília por uma expressão mais contida, mas não menos apostrófica, dirigida aos deuses (*Divi*): “*Feliz de mim, a quem os Deuses concedem coisas tais!*”. Na IV estrofe, as alusões ganham nome: Sol < *Phoebi* e Amor < *Veneris* (IV).

Com exceção da VII, a oitava em decassílabos transforma-se numa quadra composta de hexâmetros datílicos, demonstrando o caráter mais sintético do latim, o que, aliás, se verifica também no estribilho transformado em ritornelo: uma economia de 50%, com relação ao original português de Gonzaga.

#### Lira XIV – 1ª Parte (parcial)

1. Omnia cedunt: nil nobis, Amaryllis, in orbe
2. Tutum: succedunt alterne adversa secundis:
3. Diris ipsa Deum fatis subiecta voluntas:
4. Iam pecoris custos, caelo iam fugit Apollo.
5. Quod nobis carum, tandem mors tollit iniqua;
6. Nec variam tumulo fas est eludere sortem.
7. Mortuus hic manet in busto requietus avito:
8. Mortuus hic campo iacet, ossaque vellit aratrum.

Minha bela Marília, tudo passa;  
 A sorte deste mundo é mal segura:  
 Se vem depois dos males a ventura,  
 Vem depois dos prazeres a desgraça.  
 Estão os mesmos Deuses  
 Sujeitos ao poder do ímpio Fado:  
 Apolo já fugiu do Céu brilhante,  
 Já foi Pastor de gado.  
 A devorante mão da negra Morte  
 Acaba de roubar o bem que temos.  
 Até na triste campa não podemos  
 Zombar do braço da inconstante sorte.  
 Qual fica no sepulcro,  
 Que seus avós ergueram, descansado;  
 Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos  
 Ferro de torto arado.

Entre as figuras empregadas por Gonzaga, cumpre destacar a anáfora num paralelismo semanticamente quiasmático, mas sintaticamente homeoptótico: *Se vem depois dos males a ventura, / Vem depois dos prazeres a desgraça*. Uma mesarquia *já / Já* e outra anáfora *Qual / Qual* ornaram estas duas primeiras estrofes, além dos frequentes hipérbatos.

A versão latina faz corresponder a anáfora de membros (*Iam... || iam...*) e outra expressiva anáfora nos versos 7 e 8: *Mortuus hic manet in busto ... / Mortuus hic campo iacet*, com o mesmo paralelismo em quiasmo. Dentro do espírito mais classicizante da tradução, suprimem-se adjetivos internos: *Minha bela Marília – Céu brilhante – negra Morte – triste campa – frios ossos – torto arado*; reduz as perífrases: *A devorante mão da negra Morte < mors iniqua – Zombar do braço da inconstante sorte < variam eludere sortem – Sujeitos ao poder do ímpio Fado < diris fatis subiecta (voluntas) – que seus avós construíram < avito*; desfaz o paralelismo e a sinonímia dos versos 2 e 3: *Se vem depois dos males a ventura, / Vem depois dos prazeres a desgraça < succedunt alterne adversa secundis*

Lira XXX da 1ª Parte

1. Ad claram mater lympham consedit Amoris
2. Fulva manu vultus; advenit ecce sopor.
3. Prospicit hanc, illic currit laetusque Cupido;
4. Deceptus specie tum oscula fronte rapit.
5. Irata expergiscitur; est mox cognita nato,
6. Qui supplex orat, sic veniamque petit:
7. Te cernens, genetrix, Amaryllida cernere rebar,
8. Namque Amaryllidis est vultus et ipse tuus.

Junto de uma clara fonte  
A mãe de Amor se sentou;  
Encostou na mão o rosto,  
No leve sono pegou.

Cupido, que a viu de longe,  
Contente ao lugar correu;  
Cuidando que era Marília,  
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Vênus irada:  
Amor a conhece; e então  
Da ousadia, que teve,  
Assim lhe pede perdão:

“Foi fácil, ó Mãe formosa,  
Foi fácil o engano meu:  
Que o semblante de Marília  
É todo o semblante teu.”

Esta lira anacreônica de Gonzaga constitui-se de 4 quadras em redondilhas maiores, com acento rítmico de acordo com as normas tradicionais de versificação. Vem, em sua singeleza, com toda a força da mitologia, situar o elogio à sua Marília nas atitudes e na fala do travesso Cupido. Duas frases simples formam cada quadra, com os colos correspondendo aos versos, havendo apenas um *enjambement* na 3ª estrofe, que não quebra o ritmo e permite a pausa. Ornaram esta lira várias figuras. Atente-se para os homeoptotos em rima final ou interna formando uma anadiplose e depois uma epanadiplose (... *se sentou* / *Encostou...* / ... *pegou*) e, em seguida, uma epífora *correu* / *lhe deu*. A *repetitio* evidencia-se em: *na mão* / *No leve sono* (mesarquia poliptótica); epímone combinada à diáfora (pronome / conjunção): *que a viu* / *Cuidando que* / *que teve* / *Que o semblante*; *a* / *lhe* (na 2ª e na 3ª estrofes) são poliptotos em epímone. A 4ª estrofe prima pela repetição: a epizeuxe em diácope e, ao mesmo tempo, em anáfora *Foi fácil, ó Mãe formosa, / Foi fácil* e, em seguida, a mesodiplose a reforçar a distinção *o semblante de Marília é todo o semblante teu*; e os homeoptotos *o engano meu* / *o semblante teu*, onde a antítese *meu* / *teu*, em epífora e em rima, ganha destaque.

Nesta Lira, Castro Lopes prefere a tradução em dísticos elegíacos, mais próprios para o tema lírico. Cada verso latino corresponde a dois versos portugueses, e cada dístico, a uma estrofe. Entre os *ornatus*, destaque-se o duplo poliptoto em mesodiplose *cernens* / *cernere* – *Amaryllida* / *Amaryllidis*, bem como a epanadiplose em figura etimológica, abrindo e fechan-

do os mesmos versos 7 e 8: *Te / tuus*. A uma primeira enálage *consedit* segue-se uma seqüência verbal em homeoptoto, primeiro em início de colo e de verso (|| *advenit / Prospicit*), depois em final de colo ou de verso (*currit* || / ... *rapit – orat* || ... *petit*).

Num texto mais conciso, Castro Lopes suprime adjetivos em *leve sono – ó Mãe formosa* ou mesmo o substantivo em *Vênus irada*, modificando versos *Cuidando que era Marília < deceptus / Foi fácil o engano meu < Te cernens Amaryllida cernere rebar*, como se pode verificar nesta tradução literal:

*Junto à clara fonte sentou-se a mãe de Amor,  
Irada desperta; é logo reconhecida pelo filho,  
O rosto na mão apoiado; logo o sono chega.  
Que súplice ora e assim pede perdão:  
Avista-a Cupido e alegre para lá corre;  
“Vendo-te, ó mãe, Marília pensava ver,  
Pela beleza enganado, então beija-lhe a fronte.  
Pois de Marília é o próprio rosto teu”.*

Concluo, repetindo Castro Lopes, que esta tradução latina, assim como a sua versão de trechos de *Os Lusíadas*, foi feita *ad usum scholarum Brasiliensium*, mantendo sua atualidade, não se justificando, portanto, o esquecimento a que foi relegada.

BORTOLANZA, J. Marília de Dirceu/Amaryllidos Dircaei. *Classica*, São Paulo, v. 9/10, n. 9/10, p. 224-232, 1996/1997.

## RÉSUMÉ

**A** *maryllidos Dircaei aliquot selecta Lyrica*, sous-titre de *Musa Latina* (1868, 1887) de Antônio de Castro Lopes, apporte-t-il, *ad usum scholarum Brasiliensium*, 25 Lyres de *Marília de Dirceu* en hexamètres (21) et distiques élégiaques (4) latins de qualité. On prétend ici un parallèle entre les versions de Gonzaga et Castro Lopes: style plus classique de celui-ci, en supprimant des périphrases et des *epitheta ornantia*, au goût néo-classique; amour des deux pour les figurae elocutionis, surtout les répétitions et les inversions. On sert ici au but de l'*Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium* de divulguer la Littérature Brésilienne d'Expression Latine.

**Mots-clés:** Parallèle; *Epitheta ornantia*; Anaphores; Classique.



## Referências bibliográficas

- BORTOLANZA, J. *Corpus da poesia latina de Antônio de Castro Lopes*. Tese de doutorado. Assis: UNESP, 1994. 4v.
- ERNOUT, A. & THOMAS, F. *Syntaxe Latine*. Paris: Klincksieck, 1951.
- GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu e mais poesias*. Pref. e notas de M. R. Lapa. 3. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1961.
- LAUSBERG, H. *Elementos de Retórica Literária*. 2. ed. Lisboa: Gulbenkian, 1972.
- MAROUZEAU, J. *Traité de Stylistique Latine*. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1946.
- RUBIO, L. *Introducción a la Sintaxis Estructural del Latín*. 3. ed. Barcelona: Ariel, 1989.
- TAVARES, H. *Teoria Literária*. 4. ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1969.